



(COSMO)POÉTICAS DOS PÉS (DES)CALÇADOS

Fonseca, Annelise Nani da; PhD; Universidade Federal de Juiz de Fora, anne_nani@hotmail.com¹
Cerqueira Correa, Carolina; PhD; Universidade Federal de Juiz de Fora, carolina.cerqueira@ufjf.br²

Macaco, Vermelho; MA; Universidade Federal de Juiz de Fora, vermeverso@gmail.com³

Laroyê! Terreiro de Pesquisa com corpos, artes, culturas y linguagens⁴
decoloniais e Grupo ATAQUE – Arte/Educação, Tradição, Ancestralidade e Estéticas Contra-Hegemônicas

RESUMO

Esta comunicação investiga caminhos por meio da Cultura Visual, a partir da simbologia do sapato, para compreender as relações de poder y⁵ os símbolos de liberdade y servidão no Brasil. Isso com o intuito de demonstrar os pés, (des)calçados, como um elemento importante dentro do contexto da moda e domesticidade, vida cotidiana, trabalho e representações. Para tanto, a comunicação busca, através da produção de artistas brasileiros contemporâneos, analisar a simbologia de estar (des)calço, para além de uma representação de inferioridade, y contextualizar a simbologia com a terra a partir das culturas afropindoramicas. Dessa forma a metodologia empregada parte de artistas como: Paulo Nazareth, Thiago Sant'ana, Sidney Amaral, O Tal do Ale

¹Annelise Nani da Fonseca é Artista/Professora/Pesquisadora. Atualmente, trabalha como professora adjunta do Instituto de Artes y Design – IAD. Questões recorrentes em sua poética são o cotidiano, o feminismo, a sustentabilidade y a exploração da palavra por meio de técnicas como o bordado y a gravura em uma perspectiva decolonial.

²Carolina Cerqueira Corrêa é artista y professora do Departamento de Artes y Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Sua pesquisa concentra-se nas artes, relações raciais y na história da arte afro-pindorâmica.

³Vermelho é uma criatura poética. É doutorando em Educação Brasileira na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) y tem mestrado em Artes, Cultura y Linguagens pela mesma instituição.

⁴Partindo de perspectivas outras, não-eurocentradas, pensamos o corpo - coletivo y individual - que performa na y a tradição de terreiros y rodas y se faz presente nos dias que seguem; esses corpos marginalizados, prenhes de conhecimento obliterado, pedem passagem como na saudação de Exú. Abra-se espaço em salas, laboratórios, galerias, telas, palcos y ruas. Somos corpo, pele, língua y linguagem. Operando por meio de nossos próprios sistemas simbólicos y de conhecimento, soprados aos ouvidos surdos da ciência branca do Norte global palavras mágicas, encantamentos, contra-feitiços que nos façam escutado. Assim este trabalho apresenta y debate a criação de um grupo de pesquisa Decolonial dentro do cenário atual brasileiro, no presente caso a Universidade Federal de Juiz de Fora. Laroyê!

O objetivo do grupo ATAQUE visa trabalhar o ensino da arte como aspecto essencial ao desenvolvimento humano nas suas mais diversas facetas: formação, fruição, pesquisa, produção etc. A proposta envolve investigações que partem do campo da arte/educação, e conecta poéticas, tecnologias y fruição a partir da decolonialidade e do estímulo à criatividade, por meio do potencial da leitura de imagem a partir da Abordagem Triangular (BARBOSA, 2008) e da perspectiva Freiriana aliada ao desenvolvimento estético, com o objetivo de estimular discursos, práticas e epistemes para além da euro-usa-centrada, realizando um enfrentamento ao epistemicídio (CARNEIRO, 2023) nas matrizes curriculares.

⁵ Este resumo é escrito em pretuguês ladino africano, termos cunhados por Lélia Gonzalez. O garfo duplo “y”, signo feminino de Exu, representa as ecruzilhadas da língua crioula que cruza caminhos com novas possibilidades de comunicação y transição.



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

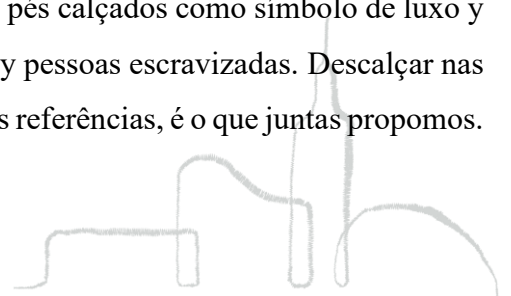
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

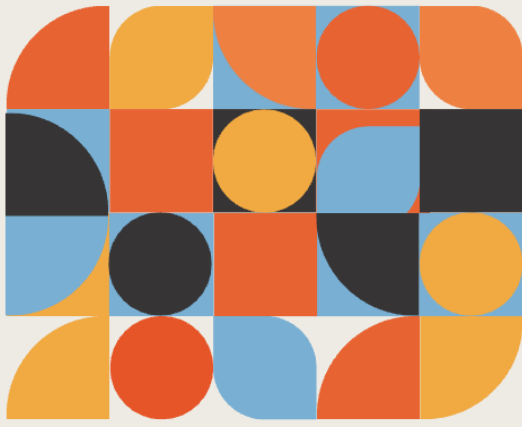
y Matheus Ribs y autores como: Antônio Bispo (2023), Conceição Evaristo (2020), Achille Mbembe (2014) y Orlando Patterson (1982).

O “ritual da escravidão” (Patterson, 1982) incorpora um, ou mais, entre quatro recursos básicos: primeiro, a rejeição simbólica do escravizado a seu passado y familiares, isolando o indivíduo de sua ancestralidade. Segundo, a mudança de nome. Terceiro, a imposição de uma marca visível de servidão. Por fim, a aceitação da nova condição no agregado familiar (casa grande) ou organização econômica (senzala) do senhor, como uma extensão das propriedades dele, ora entendido como objeto (casa grande), ora como animal (senzala).

No século XIX, no contexto brasileiro, devido a miscigenação y o crescente número de escravos libertos, pretos y mulatos, o fenótipo, que antes marcava a servidão, passa a não ser mais facilmente diferenciável. O uso da vestimenta, especificamente os sapatos, passou a indicar quem servia y quem era servido. Nas palavras do historiador Agostinho Marques Perdigão Malheiro (1824-1881), referindo-se a população negra, “[n]as cidades já se encontram escravos tão bem vestidos e calçados, que, ao vê-los, ninguém dirá que o são.” (MALHEIRO, 1867, p.414).

A partir das relações coloniais y escravocratas do contexto brasileiro, é possível pensar na potência simbólica do sapato, sendo explorado nos processos de criação a partir da sua forma, da sua materialidade y elementos constitutivos. Essa potência borra as fronteiras entre arte y moda, não observando somente sua funcionalidade para proteção dos pés, sua simbologia enquanto suporte de informação de moda, de tendências em diversas marcas; mas explorando os significados a partir do corpo que os (trans)porta. A partir dessas possibilidades, apresentamos a seguir, uma curadoria que explora os sapatos como processos poéticos revelando outras (cosmo)percepções y produzindo outros (cosmo)sentidos. Dessa forma, o sapato se apresenta como metonímia do ocidente: ter sapato era pertencer a humanidade, era ter alma. O pé descalço era alegoria de uma falta. Falta de cultura, falta de espírito, falta de humanidade, falta de liberdade. Com os artistas acima, y nossa poética, propomos o descalçar, como modo de ponderar a generalização de pés calçados como símbolo de luxo y civilização y pés descalços como sinônimo de primitividade, inferioridade y pessoas escravizadas. Descalçar nas modas, nas artes y nas academias ocidentais, como uma ideia de vestir outras referências, é o que juntas propomos.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Palavras-chave: Sapatos; Pés; Liberdade; Trabalho e representações; Domesticidade.

Referências

DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência e seus subtextos. In **Escrivivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. **A Escravidão no Brasil** Ensaio Histórico-Jurídico-Social Parte 3 Africanos. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1867.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014.

PATTERSON, Orlando. **Slavery and Social Death: A Comparative Study**. Cambridge, Massachusetts, Londres: Harvard University Press, 1982.

